

IMPACTO DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL NA PRÁTICA MÉDICA: PERSPECTIVAS FUTURAS, RISCOS E OPORTUNIDADES

Claudio Orestes Britto Filho

Acadêmico titular da APMED - Cadeira 07

A inteligência artificial (IA) tem revolucionado inúmeras indústrias e, na medicina, não poderia ser diferente. Desde o surgimento de ferramentas automatizadas para diagnósticos até o uso de algoritmos de aprendizado profundo para interpretação de exames, a IA está transformando a prática médica de maneiras sem precedentes. Mas, à medida que essa tecnologia avança, surgem questões inevitáveis sobre o papel do médico no futuro.

O conceito de “mundo líquido”, introduzido pelo sociólogo polonês Zygmunt Bauman, refere-se à constante transformação das relações e estruturas sociais, marcadas por incertezas e mudanças rápidas. No contexto da medicina, esse conceito se aplica perfeitamente ao cenário contemporâneo, no qual a tecnologia, especialmente a IA, avança em ritmo acelerado, trazendo consigo um desafio existencial para os médicos: a possibilidade de substituição por máquinas inteligentes.

Em *A Insustentável Leveza do Ser*, Milan Kundera explora a leveza e o peso da existência. A leveza insustentável da tecnologia nos dias atuais leva a tensão entre a estabilidade da prática médica tradicional e o fluxo inevitável das inovações tecnológicas. De um lado, temos a imagem do médico como figura central e insubstituível na relação com o paciente; de outro, a IA cada vez mais capaz de desempenhar funções que antes eram exclusivas desse profissional, criando um sentimento de leve incômodo, uma sensação de que algo fundamental e de peso pode ser perdido no processo.

Numa analogia com Kundera, a “leveza” pode ser considerada como a ausência do peso das responsabilidades que, paradoxalmente, pode tornar a vida fluida pela IA, enquanto o “peso” está associado às escolhas e consequências que conferem comprometimento e responsabilidade à profissão médica. Os médicos, historicamente, carregam o “peso” das decisões sobre a vida e a morte, a

responsabilidade de cuidados que só podem ser interpretados e decididos com base no conhecimento e na empatia humana. Com o avanço da IA, esse peso começa a ser deslocado, dando lugar à “leveza” tecnológica. No entanto, é nessa leveza que surge a preocupação de que o valor intrínseco do médico possa ser diluído, e o ato de cura, uma relação complexa entre ciência e humanidade, possa ser reduzido a cálculos frios de algum algoritmo.

Heráclito, com sua máxima de que “ninguém pode entrar duas vezes no mesmo rio”, nos lembra da natureza impermanente e mutável da vida. Assim como o rio, a prática médica está em constante transformação. Cada avanço tecnológico, incluindo a IA, muda o curso da medicina, de tal forma que os médicos nunca voltam ao ponto de partida. Eles são continuamente confrontados com novas realidades, e a ideia de estabilidade na prática médica torna-se uma ilusão.

Nesse sentido, a introdução da IA é mais um fluxo nessa corrente constante de mudança. A medicina de hoje não é a mesma de ontem, e amanhã será novamente diferente. A resistência à IA seria como tentar estagnar o fluxo do rio: inútil e contraproducente. No entanto, aceitar a mudança significa também aceitar que o papel do médico não será o mesmo. Ele será transformado, mas não eliminado.

Heráclito e Kundera, de formas distintas, nos alertam para a inevitabilidade da mudança e a necessidade de encontrar sentido na leveza. Para o médico, isso significa que, em vez de lutar contra a IA, ele deve aprender a fluir com ela. A IA não eliminará a medicina, mas a transformará em algo novo, onde a leveza das máquinas coexiste com o peso das decisões humanas.

Atentamos que, nos últimos anos, a IA tem sido amplamente adotada em diversas especialidades médicas, desde a análise de imagens radiológicas até a previsão de surtos epidemiológicos. Softwares avançados, como os algoritmos de aprendizado profundo, podem analisar com precisão exames de imagem, interpretar resultados laboratoriais e até auxiliar na tomada de decisões clínicas, com base em grandes bancos de dados.

Essa rapidez na evolução tecnológica é parte do que Bauman chamaria de “liquidez”. Nada parece permanente, e o que os médicos aprenderam como certo pode ser rapidamente substituído por uma nova abordagem, alimentada por dados e automatização. Para muitos, essa liquidez é desconcertante, gerando dúvidas sobre

o futuro do trabalho médico e o valor da expertise humana frente à eficiência implacável das máquinas.

A questão não é mais se a IA irá transformar a medicina, mas *como* e *até que ponto* essa transformação ocorrerá. Neste aspecto, o risco de substituição é maior em especialidades cuja prática se baseia em tarefas repetitivas e fortemente analíticas. Radiologistas, patologistas e até dermatologistas estão na linha de frente da automação. A IA, com sua capacidade de detectar padrões complexos em imagens e dados, já supera os humanos em várias dessas áreas. Estudos mostram que algoritmos são mais precisos que especialistas humanos na identificação precoce de certos tipos de câncer, como o melanoma.

No entanto, especialidades mais centradas no relacionamento humano, como a medicina de família, pediatria e psiquiatria, são menos suscetíveis a essa substituição. Nessas áreas, a empatia, a comunicação interpessoal e a capacidade de compreender o paciente como um todo são essenciais e ainda inatingíveis pela IA. Isso não significa, contudo, que esses médicos estão imunes às mudanças trazidas pela tecnologia. As pressões para se adaptarem e incorporarem a IA ao seu trabalho diário são cada vez maiores.

Para que o médico evite ser substituído pela IA, a questão chave está na adaptação, como bem profetizou Charles Darwin, ao afirmar que “Não é o mais forte que sobrevive, nem o mais inteligente, mas o que melhor se adapta às mudanças”. Ao invés de encarar a IA como uma ameaça, os profissionais devem enxergá-la como uma ferramenta poderosa para complementar seu trabalho. A IA pode auxiliar na tomada de decisões clínicas, permitindo que o médico se concentre em aspectos mais humanos do cuidado. A adoção de uma mentalidade de aprendizado contínuo é crucial. Os médicos devem buscar capacitação em áreas como ciência de dados, aprendizado de máquina e IA, para que possam não apenas usar essas ferramentas, mas também compreendê-las e interpretá-las adequadamente.

Na realidade, o que irá diferenciar o médico da IA serão as chamadas “soft skills”, ou habilidades comportamentais e interpessoais, que se referem à forma como uma pessoa interage com outras e consigo mesma, tais como inteligência emocional, resiliência, gestão de tempo e organização, capacidade de priorização, persuasão,

flexibilidade, interesse em aprender, capacidade de trabalhar em equipe, etc! Sua estratégia deverá se centrar no desenvolvimento de habilidades não técnicas, como empatia, liderança, ética médica e comunicação e tomada de decisões baseadas em fatores emocionais e sociais, que são características essenciais e, para fortalecer essas habilidades, os médicos podem oferecer um cuidado mais humano, algo que, por enquanto, está além do alcance das máquinas, a fim de assegurar o futuro da profissão. A integração da IA na prática médica irá reforçar a necessidade dessas habilidades, pois os médicos desempenharão um papel cada vez mais importante como mediadores entre a tecnologia e o paciente.

O peso de ser médico neste mundo líquido vem do fato de que, enquanto a IA pode tornar a prática médica mais eficiente, também desafia o próprio sentido de ser um médico. Se diagnósticos, tratamentos e até decisões clínicas podem ser tomados por algoritmos, o que resta ao médico na realidade é a essência, a busca de sua própria natureza, o que sempre foi fundamental na medicina: a capacidade de conexão humana. A IA pode ser uma excelente ferramenta para melhorar o diagnóstico e o tratamento, mas não pode substituir a relação de confiança entre o médico e o paciente, nem o toque humano que alivia a dor emocional e física. Assim, embora o futuro pareça incerto e até inquietante, ele também oferece uma oportunidade única para os médicos reimaginarem sua profissão de maneiras mais humanas e centradas no paciente.

Já a leveza da tecnologia e a impermanência do mundo líquido, para usar os termos de Bauman, impõem ao médico a necessidade de se reinventar constantemente. No entanto, ao invés de encarar a IA como uma ameaça, é possível adotar a perspectiva heraclitiana: o médico, assim como o rio, está sempre em movimento, sempre mudando. A prática da medicina, em seu fluxo incessante, oferece novas formas de se conectar com o ser humano, permitindo que o médico se aprofunde em suas funções primordiais, dando mais peso em sua capacidade de se relacionar com os pacientes. Talvez a leveza seja insustentável apenas para aqueles que resistem à mudança, mas para aqueles que a abraçam pode ser a chave para uma prática médica mais rica, ética e humana em um mundo onde a IA já é uma realidade.

Entendo que o risco de substituição do médico pela inteligência artificial seja, de fato, uma realidade em algumas áreas já discutidas. No entanto, essa substituição não é inevitável, nem absoluta em outras áreas. À medida que a medicina avança em direção a uma era digital, a relação médico-paciente torna-se ainda mais valiosa e insubstituível. O futuro da medicina será um equilíbrio entre o uso de IA para otimização técnica e a valorização do aspecto humano do cuidado, algo que, até o momento, a tecnologia não consegue replicar.

O futuro da prática médica, portanto, não será uma questão de “IA ou médico”, mas de “IA e médico”, trabalhando juntos para melhorar a saúde da população.

Referências

- BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- DURÃES, S. M.; NOGUEIRA, B. R. **Inteligência Artificial na Saúde: Aplicações e Desafios**. Rio de Janeiro: Editora Ciência Moderna, 2021.
- KIRK, G. S.; RAVEN, J. E.; SCHOFIELD, M. **Os Filósofos Pré-Socráticos** (capítulo sobre Heráclito). Lisboa: Edições 70, 2001.
- KUNDERA, M. **A Insustentável Leveza do Ser**. São Paulo: Companhia das Letras, 1984.
- MOREIRA, A. L.; SANTOS, M. J. **A Era da Inteligência Artificial na Medicina: Perspectivas e Aplicações**. Curitiba: Editora Appris, 2022.
- RIBEIRO, J. D.; ALMEIDA, R. M. **Inteligência Artificial na Medicina: Uma Revolução no Cuidado à Saúde**. Rio de Janeiro: Editora Brasport, 2020.
- TOPOL, E. **Medicina Profunda: Como a Inteligência Artificial Pode Tornar o Cuidado da Saúde Humano Novamente**. Rio de Janeiro: Zahar, 2019.



Imagem criada pela IA pelo autor